

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.702

Sexta-feira, 13 de Junho de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Combra, 25-A, 2.º Q. Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de Impressão—Rua de Almeida, 114 e 116

O proletariado deve estar atento para responder a uma possível deportação de trabalhadores

UM NOVO CRIME?

PENSA-SE NA DEPORTAÇÃO DE OPERÁRIOS PARA A ÁFRICA?

Não pode subsistir, por mais tempo, por parte do actual governo

uma política de acintosa perseguição às classes operárias

As forças vivas pretendem que os operários sejam os responsáveis pelos seus crimes e pelos seus roubos -- O operariado não pode continuar sendo a vítima da desenfreada exploração das forças vivas e ainda por cima sofrer as consequências do seu ódio e da sua poderosa influência junto do governo

O apelo das chamadas «forças vivas» culpadas de grandes crimes originados na sua febre de ganância e de avaria, apela, como ontem referimos, para o governo que documente que a confissão audaz e cínica da mais flagrante desumanidade e da mais deplorável sorte, podia-se toda a espécie de violências, contra os que se não curvam, numa submissão completa e fatalista, a uma obra de miséria, de crime e de morte.

Apelavam para o governo. E há muito que os governos não ouvem as vozes que vêm de baixo porque fazem com elas, apenas o sofrimento e a justiça de quem as exprime. São vozes que sofrem mas que não abornam; são vozes que saem dum corpo depauperado por um trabalho exgotante e por uma alimentação insuflante; são vozes que saem das oficinas, das fábricas, das terras, das minas.

As outras vozes que partem de cima, que saem dos lábios que metalizam o seu som com o do ouro, são mais facilmente escutadas. São vozes que têm a grande expansão dos grandes jornais, o grande poder que do dinheiro dimanam. Os governos consideram-nas, respeitadas, veneram-nas...

E como elas pediam repressão, o governo iria até fazer-lhes totalmente a vontade? Eis o que é necessário pensar para que devidamente todo o proletariado se prepare e se defenda.

Coincide o famoso apelo das «forças vivas» com a próxima partida para a África, dum leão de degredados para Angola. Essa coincidência faz scismar e é suscetível de causar apreensões.

Como o barco que leva os degredados para Angola parte na próxima segunda-feira propala-se que junto com eles, serão enviados para as plagas africanas, os presos por questões sociais. Este boato tem corrido com muita intensidade, e não foi desmentido nas esferas superiores, tão cuidadosas em desmentir todas as notícias.

Que as intenções dos governos foram sempre hostis à classe operária e aí estão na Trafaria, como reféns dessa hostilidade, operários que nenhum delito cometeram.

A intenção do governo em deportar operários foi patente. A alma negra desse negro projecto, foi o sr. Sá Cardoso, que chegou a andar numa roda viva política, pedindo-lhes que erassem, com as suas sugestões, ambiente favorável à criminosa violência que se cometia. Esse ambiente até agora não se criou, o sr. frustou em parte os perversos desígnios do ministro interior.

Agora, julgar-se á o governo, e com ele o sr. Sá

Cardoso, bastante forte para deportar operários, só por «forças vivas» lhe terem pedido, «em nome da pátria» a prática dos maiores crimes contra o proletariado—contra o proletariado que entende não só dever resignar à dolorosa perspectiva de morrer de fome e tubercularizar os filhos?

Tudo é possível. E' que a voz das forças vivas é a voz do ouro. E essa voz tem inflexões carinhosas, sedutoras e irresistíveis, para todos os aventureiros e indivíduos sem escrúpulos.

A carreira dum político é a que mais se assemelha à carreira do aventureiro. E, em política, não há escrúpulos, nem princípios, nem golpes fulminantes, o hediondo crime de deportar para a África, confundindo-se com vadios, os operários que estão presos pelos crimes cometidos pelas forças vivas.

Sempre que quizermos avaliar do estado de relações entre as forças vivas e um governo, basta ouvir a linguagem deste último, sem deixar, é claro, de notar-lhe os hábitos. Consoante falam os governos, em concordância ou divergência com as forças vivas assim se pode aquilatar da sua convivência ou da sua relativa independência.

Esta ideia de deportar operários para a África, constitui de há muito o sonho dourado, a acariciada esperança das forças vivas. Conheçamos bem a mentalidade do comerciante ganancioso, do açambarcador sem escrúpulos, desse ser vulgarmente e genericamente conhecido por «homem de negócios». A psicologia do «homem de negócios»! Salvo, raras excepções, são dum estúpido inata ou dum inteligência limitada ao objecto das suas interesseiras actividades. A sua estupidéz torna-os mesquinhos, encurta-lhes singularmente a visão, e o seu egoísmo torna-os agressivos, intratáveis, forozes.

São quasi todos conservadores, partidários de medidas de força, dispostos a aplaudir as maiores violências desde que se convençam que elas venham, de qualquer modo, beneficiar os seus negócios.

Não repararam que o descontentamento que lavra á sua volta, é a sua própria obra. Não se convencem de modo algum que açambarcando produtos, falsificando-os, elevando desmedidamente os seus preços, originam a miséria dos produtores, diminuindo-lhes a alimentação;

que chegam a tornar impossível a existência da maioria do país, que é composta de trabalhadores. Não verificam sequer que o instinto de conservação existe em todos os indivíduos e que ele os pode levar a defenderem-se violentamente de quem por uma maneira inquina lhes queira cercar a vida.

As forças vivas negociando procuram elevar os produtos a preços inacessíveis; como industriais recusam elevar os salários aos operários, aos operários que como consumidores são vítimas da alta de preço que os produtos atingem. Roubado como consumidor pela ganância dos negociantes, roubado como produtor pela acintosa exploração dos industriais, o operário via-se vítima de duas ganâncias. Logicamente o seu desespero exteriorizava-se contra as duas. E, procurava que os negociantes lhes vendessem os géneros a preços que se harmonisassem com o quantitativo dos seus salários ou que estes se elevassem de modo a permitirem a aquisição dos géneros. E que respondiam aos operários, as famosas forças vivas? Como negociantes continuando dificultando-lhes os géneros mais necessários á vida e aumentando-lhes consequentemente o seu preço; como industriais, ao passo que iam beneficiando e fazendo estupendos lucros com a subida de preço dos produtos, recusavam-se sistematicamente a aumentar-lhes os salários. Assim foram lançando o proletariado na mais cruciente das misérias.

Foi dessa miséria, da miséria dos trabalhadores subversivamente esfomeados, envenenados e empobrecidos pelas suas perversas especulações, que eles conseguiram amassar enormes fortunas. E' da miséria do povo que se fabricaram essas riquezas individuais estupidamente surgidas da guerra para cá.

Se a ganância das forças vivas gerou a miséria dos proletários estes, por sua vez, em virtude da ganância que sem tréguas os vitimava, viram-se forçados a lançar-se em sucessivas grèves. Todo o estado de agitação proletária neste país, fundamenta-se na obra egoística, perversa e criminosa das forças vivas.

Realizaram a obra, colheram-lhe os frutos e a fortuna. Mas, esqueceram-se que a agitação e as grèves em que o proletariado se lançou, eram também o fruto da sua obra e repudiaram-na.

Quando se lê o famoso documento das forças vivas endereçado ao actual governo, pasma-se com tanto cinismo e tanta audácia. Parece uma obra de doidos, de doidos maus.

Onde foi o sr. Sá Cardoso beber a sua acariciada ideia de deportar operários. Não é preciso ser-se muito profundo para observar que foi no meio das forças vi-

vas, no ambiente dos tais famosos homens de negócio que a deportação de operários lhe subiu á cabeça. E' que o sr. Sá Cardoso é director da Companhia de Cal e Cimento—dessa companhia desumanamente exploradora. E' pois um empregado superior das forças vivas. Vivo com elas e vive delas.

A gente está daqui a ver os homens de negócio, em cujo meio o sr. Sá Cardoso gravita, batendo-lhe no hombro.

—Então quando é que o meu amigo manda para a África esses agitadores profissionais. «O meu amigo que tem talento é que podia realizar essa magnífica obra de pacificação social. Limpe o país desses agitadores que o infestam, que atentam contra as nossas vidas e os nossos haveres».

O sr. Sá Cardoso, sorridente, comovido, rendido àquela fraternidade que o cerca, fraternidade positiva que lhe dá garantias de vida esplêndida, promete que, logo que possa, deporta para África, esses detestáveis agitadores.

Chega ao ministério e encontra apoio decidido. Que admira que isso aconteça, pois se o presidente do ministério, o sr. Alvaro de Castro, é director dum banco! Se o sr. Américo Olavo é director da Fábrica Vulcanol!

Irá o governo submeter-se às forças vivas? Sancionar as suas intenções repressivas. Deportar operários para a costa de África como elas pretendem?

Se o governo em tal pensa, pratica além duma grande violência e um grande crime, uma obra de rematada loucura! Não é condenando operários aos miseráveis sofrimentos do degredo, condenando suas famílias a inenarráveis misérias, que as forças vivas poderão com mais tranquilidade roubar, esfomear e envenenar a população.

Por toda a parte a política da força está fracassando. Uma tendência irresistível das massas operárias força os políticos de vários países a fazer concessões, a encolher as garras. Só aqui em Portugal se acalentam projectos sinistros e vinganças sinistras.

O proletariado nutre pelos governos que como este fazem desceradamente o jogo das forças vivas, o maior dos desprecios. Seria de elemental prudência que os governos não provocassem com medidas iníquas a maior das indignações.

Nunca se deportou nenhum causador da miséria do povo. E' de elemental justiça que se não deve ser deportado nenhum vítima dos especuladores da finança—e deportado por um governo onde existem homens que são empregados das forças vivas quando a elas não pertencem pelo espírito e pelos interesses.

PERANTE O GARROTE C. G. T.

A condenação de Bautista Acher «El Poeta»

Desatemos os verdugos e afitemos ativamente a nossa força revolucionária

Parece, a pesar de todos os gritos de indignação e desespero que se erguem em Acher vai ser morto. Pensar isto experimenta um calafrio anovante. Já constatámos-lo. Sejam fortes, para abstrair da grande tragédia e pensar o crime e os criminosos. E desde que parece que assim tem que ser, não cremos, mas gritemos á cara dos verdugos o nosso ódio mais profundo.

Em Espanha existe a pena de morte há séculos e a pena de morte é a pena de morte. A prática do governo leva a cena uma obra sinistra. E' levado ao rei o pedido do indulto.

Este rei, que tem sido sempre um anequim nas mãos das camarilhas, militares, dos jesuítas e dos banqueiros, filge-se às vezes compadecido, concede o indulto e logo de toda a parte cai uma chuva de bençãos e de elogios sobre a cabeça do rei. Mas outras vezes o rei emudece, esconde-se e o povo condenado lá sobe as escadas do patíbulo onde os assassinos solenemente, mas que grande força é isto afinal!

O rei não concede absolutamente nada. O rei faz o que quer, aquela chuva de bençãos irrepletos que vem quando há muito da riqueza, da honra e da vida do povo espanhol.

A pena de morte é usada segundo as conveniências políticas, pessoais ou económicas.

Como todas as leis, bárbaras por natureza, ela não se funda num princípio de justiça, mas é a opressão e a vingança, com sofismas ou sem sofismas, conforme as conveniências, pelos detentores da força política e económica.

Quando se deu a sublevação de Múrcia, que, como tantas passadas, e outras tantas esboçadas pela morte do povo espanhol pela guerra e a sua raiva contra os guerrilheiros, houve também a cena da pena de morte e do indulto, contra um cabo tido no chefe.

Então todo o povo, desde norte a sul, estremecem. Em Málaga as mulheres aconselhavam os soldados a desertar. E quasi á mesma hora, em Sevilha, em Saragoça, em Bilbao esboçaram-se movimentos de rebelião.

Não convinha excitar mais a consciência popular. Era preciso aplicar-lhe um daqueles duches que de repente transformam o estado de espírito colectivo. O patíbulo erguido naquele momento seria contraproducente, excitaria ainda mais o povo.

Pelo contrário, o indulto, concedido á última hora, já quando o cabo Barroso estava em capela, era de efeito seguro. Foi indultado e de todos os lados choveram bençãos sobre a cabeça de Alfonso XIII e por toda a parte se exclamava:

—Que generoso é o governo! Que alma de santo é o rei!

E os soldados continuaram a marchar para a guerra. Mais tarde veio o Directorio Militar que tantos crimes tem cometido a pesar do pouco tempo que leva.

E por causa dum atraco que houve na Catalunha subiram imediatamente ao patíbulo dois avançados, um dos quais Jesus Pascual Aguirre que era um bom camarada.

Nesta altura era preciso mostrar a força do exército, inspirar terror desde o princípio. Ergue-se o patíbulo. Agora, há poucos dias, o Directorio reuniu e apreciou diversos pedidos de indulto entre os quais ia o de Acher.

Entre eles ia o de um carabineiro que assassinara um oficial, dum partidário e outros assassinos. Foram todos indultados porque, um carabineiro matar alguém é caso frequente em Espanha e não altera nada, mesmo nada, a ordem do estado capitalista e fradesco-militar.

Matou o pai é também cousa de pouco monta é o Primo de Rivera seria muito bem capaz de matar o seu.

Porém o indulto para Acher não foi

concedido, a pesar de estar provada a sua inocência. Acher foi condenado por um acto que não praticou, um acto em que foi uma vítima apenas. Mas é um anarquista, quer a abolição da presente sociedade. Vale portanto muito menos que um carabineiro e que um partidário.

O seu lapso é terrível desenhando os padres da sociedade espanhola e é por isso que o querem matar.

E' assim que raciocinam os quadri- lheiros que dão ordens em Espanha. E' assim que é canalizada, orientada, a bondade do rei imbecil.

Que o povo proteste sempre, sempre sem um desânimo, até o último gorgolejar na forca ou a última bala do pelotão.

E quando Acher tiver expirado para sempre, quando o seu corpo for atirado para a vala comum entre resas hipocritas de jesuítas e irmãos assistentes dos condenados, não nos lamentemos, não chorremos.

Ergamos um viva ao pensamento de Acher revolucionário e mártir, que morreu pela Liberdade de todos nós.

Desatemos o patíbulo, escarreguemo-lhe em cima e caminhemos para a frente.

O corpo de Acher será assim mais uma pedra do edifício de Amanhã. O futuro é sempre assente em cima de cadáveres.

Francisco QUINTAL

Um camião de correio

assaltado por um grupo de mascarados

LONDRES, 12.—Um comunicado de New York, diz que um grupo de bandidos mascarados fez deter um camião de correio apoderaram-se de 27 pacotes postais que continham diamantes e pedras num total de mais de 250.000 dólares fugindo em seguida.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem esteve este Secretariado no Limoeiro onde falou com os presos sobre a sua situação há imenso tempo sem estar devidamente definida o que provoca um constante sobressalto, inteirou-se a comissão do que a seu respeito corre e dali se dirigiu ao ministério da Justiça, que em consequência de o ministro não se encontrar se avisou com o seu secretário sr. João Pedro dos Santos, a quem expoz os motivos que ali o levava por correrem várias versões sobre a situação dos presos entregues, dizendo-nos aquele senhor que nada havia com referência a presos mas sim uns pedidos de alguns entregues ao governo e os seus requerimentos indefinidos, sendo aceite o pedido do preso Laranjeira, tanto me os seus requerimentos, com o que este secretariado ficou deveras admirado, em consequência de semelhante pedido, ficando no entanto o referido secretário do ministro da Justiça a falar de novo no caso com o sr. José Domingos dos Santos.

Este secretariado constata grandes anomalias na parte que diz respeito a presos entregues ao governo e aos que o não estão, por a grande confusão que lavra entre as respectivas entidades a quem eles estão sujeitos, pois parece haver ordens e contra-ordens de ministérios a quem os presos não estão subordinados e daí uma série enorme de embarraços que dificulta imensamente o mesmo tratado como devem os assuntos referentes a presos por questões sociais.

Sobre os actuais presos que se encontram na Trafaria, e governo civil também devido a este estado de coisas, depende o resultado da sua libertação.

U. S. O.

Reúnem na próxima segunda-feira, 16, pelas 21 horas, as direcções dos sindicatos locais aderentes ou não, na sede desta União, a fim de apreciar e resolver um assunto urgente e grave.

Política francesa

Herriot formará governo

PARIS, 12.—O sr. Herriot, indigitado para futuro presidente do conselho, numa entrevista concedida ao correspondente dum jornal britânico, declarou que o partido socialista poderá não fornecer membros para o futuro gabinete mas não deixará de o apoiar.

Falando sobre as relações anglo-francesas, disse que tem todo o empenho em trabalhar de acordo com o governo britânico e que espera visitar Londres dentro de quinze dias.

Referindo-se às relações com a Alemanha, mostrou-se partidário da diminuição do actual estado de tensão e da imediata aplicação dos relatórios dos peritos.

Millerand volta à actividade política

PARIS, 12.—Foi ontem lido nas duas câmaras, o pedido de demissão do Presidente da República, redigido em breves termos.

O sr. Millerand dirigiu um manifesto ao povo francês, anunciando a sua decisão de intervir activamente na vida política. O ex-presidente da República vai apresentar a sua candidatura a deputado pelo departamento de Lorena.

Considera-se quasi como certo a eleição do sr. Painlevé para a Presidência da República.

A apreensão de «A Batalha»

Este jornal está sendo iniquamente perseguido em Coimbra

COIMBRA, 11.—«A Batalha» foi hoje novamente apreendida. — Porque teria sido?

Acaso se não pode dizer ao povo trabalhador de que «A Batalha» é órgão, que se prepare e defenda, instruindo-o para que a Sociedade Futura assente em bases de Amor e Fraternidade, — e que derrase pelo trabalho e pelo sindicalismo a sociedade infame que hoje impera?

Fracas intelectuais—senão nulidades—que presidem aos destinos deste país.—C.

EM COIMBRA

A volta do conflito académico popular

O que se torna necessário dizer para bem da Verdade e para que Justiça seja feita a quem de direito

COIMBRA, 11.—Não era nossa intenção virmos á estacada como colúmbos dizer-se, para repór as coisas nos seus lugares, os pontos nos ii, no que respecta ao conflito académico-popular de senroado ultimamente nesta cidade.

Esperávamos antes do bom senso da população, da cidade—assim o dissemos em correspondência anterior a propósito do assunto—para que o conflito terminasse para bem de todos.

Porém, as últimas notícias dos diversos jornais de Lisboa e Pórtio, e ainda os comunicados da comissão académica do conflito, a propósito do mesmo, a isso nos forçaram, bastante contrariados.

E' que nós desejávamos que os jornais de Coimbra—e ainda os outros de diferentes terras do país pelos seus informadores desta cidade—apresentassem apenas os factos passados, a Verdade, abstendo-se de comentários «de favor» a esta ou aquela parte, para que todo o país, bem informado do que se passasse se pudesse pronunciar, e justiça fosse feita a quem de direito.

Tal não aconteceu, infelizmente, tendo antes quasi todos os jornais, depois dos primeiros momentos de surpresa—excepção feita á «Notícia», desta cidade—adulterado tudo, colocando-se na defesa á outrance dos académicos, defesa sistemática e de desprestígio para a população de Coimbra.

Não somos baicristas,—de académico ou fruticão, nada temos.

Colocados a centro, nós sabemos narrar factos e apreciá-los. As nossas correspondências anteriores a propósito deste assunto, disseram alguma coisa...

Mas, voltando ao princípio, e a respeito das notícias dos jornais e comunicados da referida comissão académica, nós vamos entrar propriamente no assunto que deu origem a este artigo.

Dizem os diversos jornais de Lisboa e Pórtio, que os exilados académicos não podem voltar a Coimbra, porque meia dúzia de discólos e desordeiros espreitam às embocaduras das ruas os estudantes para os chacinarem. E que é conflito havido fóra obra de parte da população, pelos mesmos discólos e desordeiros.

Quere dizer, Coimbra é a Calábria. Homens sem a mais pequena noção de humanidade, depois de estabelecerem fronteiras às portas da cidade, e terem forçado os estudantes a abandonar Coimbra pelos factos passados, espreitam agora a sua entrada ou algum que por cá ficou, para darem largas aos instintos de bestas, de selvagens.

Ora isto é simplesmente espantoso, quasi infame.

Depois, insulta aqueles que se desagravaram e com razão—sejam francos—na arremetida do ch... em parte incerta.

Se á confecção desse convite não presidiu a triste ideia de provocação—o que não pretendemos discutir—devia a Associação Académica como representante dos estudantes e após os primeiros conflitos, ter feito uma declaração que puzesse termo ao mal entendido. Isto também já o dissemos em correspondência anterior.

Tal não se verificou. Antes alguns académicos chefiados por um sr. Quintão e com aquiescência da referida Associação, pois o seu silêncio a propósito do conflito era ainda o apoio a tudo o que se tinha passado, continuaram a aparecer em toda a parte, a toda a hora, a insultarem, a agredirem.

Discólos e desordeiros, os que num arrebatamento justificável sublevaram defender-se das violências e insultos por parte de alguns académicos?

Com franqueza, os jornais de Coim-

A BATALHA NO PORTO

Falta de pão?

PORTO, 11. — Estamos na iminência de ficar sem pão, porque di-lo a moagem e di-lo a panificação — as farinhas estão no resto e os governantes não se preocupam com estas ninharias.

E ao mesmo tempo que este perigo vai sendo anunciado pelos jornais de grande circulação, as massas alimentícias fazem um *raid* mais alto e mais extenso do que o de Macau...

Está, como se diz, em calão popular, tudo pelas horas da morte: é por louvar a deus a forma verdadeiramente escandalosa como se está roubando, desde a mais pequena mercearia, ao mais talado armazém.

E a crise de trabalho em algumas classes aumenta a sua esfera de apreensões...

E' num tal estado caótico económico e social, que nos ficamos espantados ao ver como este nosso bom povo concorre às tomadas. Dir-se-ia que não existe de anormal, que a miséria não corre avassaladora ao nosso encontro.

Uma distinta escriptura do país vizinho, falando de certo povo, diz: "... O povo, como multidão, não tem consciência do que faz. Apenas possui sentimento. Quando o sentimento é viçoso, muita, quando é enojo, chora; quando é horror, grita..."

Ora o nosso povo, quando as tomadas não estão à porta, emociona-se com a sua própria situação — e vinga-se a chorar, até que a emoção desapareça nas ondulações lacrimais; horroriza-se com a sua miséria, com as suas desdidas, com as suas dificuldades financeiras na frente do senhorio, da leiteira, da horteliceira, do mercador, do sapateiro, etc., etc. — e desata a gritar as suas alições (tremendas) — até que emudeça pelo enroscamento; sente-se apoiado, humilhado, fustigado, escarnecido pelo Estado, pelos políticos, pelas autoridades, pelas patrões, em por toda a gente que o explora e maltrata — mas quando vai para se erguer e «matar» a causa dos seus sofrimentos físicos e morais, económicos e sociais, aproxima-se o Senhor de Matosinhos, o Senhor da Pedra, o São João e outros pagodes regionais, e eis que a «Maria vai com as outras», num bailar irresistível de festa impenitente...

A' romaria tradicional do Senhor de Matosinhos acorrem milhares e milhares de criaturas; outras milhares e milhares preparam-se já para invadir o marítimo recinto do Senhor da Pedra; e ainda toda a população citadina está ansiosa pelas luminárias e descantes do São João das Fontainhas...

Destarte, «ninguém» pensa agora em coisas sérias. Está tudo numa paz pódre — tudo feliz, tudo alegre, tudo bem disposto...

Para que falar, pois, contra todos aqueles que, julgando-se onipotentes, protegidos pela fortuna, por ventos e costumes, assaltando, com bandeirões, a bolsa do necessitado, e de sorriso nos lábios cobardemente exploram aqueles que precisam de viver?

Ora! não vale a pena as juntas de freguesia chamar, nesta quadra festiva, aqueles nomes feios?

Os ouvidos, agora, estão cerrados. O Porto está na sua «olimpíada» magnífica. Bem haja.

C. V. S.

Federação Ferroviária

Recebemos da Federação Ferroviária a seguinte nota oficial que passamos a publicar:

Reuniu a respectiva Comissão Executiva, tratando de vários assuntos importantes que se relacionam com o definitivo estabelecimento da cota por federação para o cumprimento de todas as resoluções do Congresso, na parte referente à adesão à Confederação Geral do Trabalho e início da propaganda a efectuar por intermédio do jornal «A Federação Ferroviária» sessões nas várias redes do país, etc.

Tomou-se conhecimento das resoluções das assembleias gerais dos Sindicatos da C. P. e B. A. que resolveram materializar as adesões já dadas, a partir de Abril conforme resolução do Conselho Federal e dum officio da C. G. T. que participa as resoluções do Conselho, Confederal sobre as resoluções do nosso Conselho, quanto às relações entre o nosso organismo e a Central, e regularidade de situação moral e material.

Mais assuntos de carácter interno foram ventilados, resolvendo começar o Conselho Federal para os dias 28 e 29 do corrente, a fim do mesmo se pronunciar sobre as questões citadas e outras que tem de ser presentes à sua análise.

Essa reunião resolverá definitivamente sobre a acção que a Federação o deverá iniciar brevemente para o que todos os delegados dos organismos federados deverão comparecer.

Para isso se chama a atenção dos respectivos Sindicatos.

Mutualismo e Cooperativismo

Cooperativa Oriental. — Realiza-se no domingo pelas 15 horas a festa comemorativa do seu 25.º aniversário.

bra — excepção feita à «A Notícia», repetimos — andam fazendo um grande frete... sem ser pago — com medo de que a Universidade seja de todo fechada.

Presam a cidade e o seu bom nome? — Mas o que seria ela sem o seu grande desenvolvimento industrial? Faltos da Universidade a fabricar doutores de leis e de professores nacionais estamos nós!

Que atente nisto os que desejam o progresso da cidade e o seu maior desenvolvimento em todas as manifestações de vida!

Que atente nisto também a Associação Académica, e não venha para a imprensa com comunicados que vêm colocar o assunto num campo onde pode ser funesta para si tal maneira de condução.

O manifesto do grupo dos estudantes anarquistas «Liberdade» foi claro e maduramente pensado. Qualquer pessoa de inteligência o compreende facilmente. Porque o não compreende a Associação Académica? — C.

A CAÇADA DOS OLIVAIS

O protesto do operariado — A subscrição para as vítimas continua a subir

UMA CARTA DE D. ANGÉLICA PORTO

De D. Angélica Porto, figura de destaque no meio feminista recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor—Segundo por justíssima a iniciativa para que, as famílias dos desventurados operários assassinados nos Olivais, seja prestada uma reparação, e inclusive envio de escudos para a subscrição aberta em favor das mesmas.

Bem assim, aproveito a oportunidade para saudar o seu jornal, manifestando-lhe a minha muita consideração e apreço. De v. v., etc., Angélica Porto.

Do sr. Pereira de Castro recebemos também, a acompanhar o donativo de 10000 para os filhos de Domingos da Silva, uma extensa carta em que demonstra a nobreza dos seus sentimentos e que lamentamos não poder publicar, em virtude da falta de espaço com que estamos lutando.

Protestos

A assembleia geral da União Têxtil, aprovou uma moção de enérgico protesto contra os fustamentos nos Olivais, a acinosa apreensão de «A Batalha» e o arbitrário encarceramento de operários e sua projectada deportação.

— A comissão pró-presos comunistas protestou contra as perseguições ao operariado e ao seu órgão na imprensa, cuja leitura aconselha a todos os trabalhadores por ser o único diário que desasombadamente escapa todos os crimes da burguesia.

Na assembleia geral do Pessoal dos Tabacos realizada no dia 6 do corrente foi aprovada a seguinte proposta:

Propõe-se para que seja lavrada na acta um voto de sentimento pelas vítimas, cobardemente assassinadas nos Olivais; Que se conserve de rigoroso silêncio durante 3 minutos, em sinal de sentimento pelas mesmas vítimas e se manifeste por todas as perseguições e prisões a todos os elementos operários.

— A Comissão administrativa da Federação dos Trabalhadores Rurais, na sua última reunião, protestou contra as aciniosas perseguições de que está sendo vítima o operariado e o seu órgão na imprensa, resolvendo acatar as deliberações da C. G. T. para que se ponha cõro a tam anómala situação.

— O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Aviz, na sua última reunião, lavrou um veemente protesto contra as perseguições de que está sendo vítima o operariado.

— A comissão administrativa do Sindicato dos Litógrafos protesta contra as perseguições das autoridades ao jornal «A Batalha», aos presos por questões sociais, que estão nas masmorras desta república, sem culpa formada e também contra o crime dos Olivais.

Trabalhadores: lide e propague o Suplemento de «A Batalha»

A CÉDULA PESSOAL

Dois noivos que se unem livremente porque o registo civil lhes exigiu o odioso documento

PORTO, 10. — Aqui, nesta cidade, acaba de se efectuar um protesto curioso contra a cédula pessoal obrigatória. O camarada José Mota de Macedo de Jesus, pelas vias legais do registo civil, contraiu matrimónio com Maria da Conceição.

Para a respectiva repartição casamenteira se dirigiram noivos, pais, padrinhos e convidados de ambos os sexos. Uma vez lá, o oficial... de serviço exigiu a cédula pessoal aos nubentes. Sem este documento indispensável, a santa república democrática considera um grande pecado a união dos dois sexos...

Estava tudo transformado, porque os interessados não possuíam tal diploma. Mas o empregado do registo civil quis ser transparente: casava os dois noivos, mas eram obrigados a, pelo menos, tirar a cédula familiar, um sobrescrito avata a cédula pessoal.

O noivo, porém, rejeitou: não quis, por princípio algum, curvar-se às exigências democráticas. A noiva e a família concordaram com a teoria do nosso camarada — resolvendo-se que o casamento fosse feito... anárquicamente, isto é: pela união livre e sem a necessidade de quaisquer intermediários oficiais.

Então, no domicílio dos noivos, no meio da bôda e perante os assistentes, foi lido o seguinte documento passado em papel selado:

«Neste documento, que faço e assino, e vai ser assinado pelos interessados, pais e testemunhas, lavro a mais veemente repulsa, indignação pela forma vil e abjecta como se pretende amoldar a consciência de todos os seres que tem a faculdade de raciocínio e sensibilidade. Tem também por base fundamental, dar a conhecer este meu protesto aos outros que, como eu, aspiram a um futuro melhor, onde o homem seja livre e tenha o direito de seguir o caminho ditado pela sua consciência, sem ter que se amoldar a fórmulas anti-humanas e deprimentes.

Nesta ordem de ideias homogêneas, e renegando a cédula pessoal e a família, com que o registo civil, em plena república democrática, se pretende impor a todos os indivíduos, cédula que além de vexatória é falsa — me resolvo a receber como companheira Maria da Conceição, filha de António Gonçalves Pereira, e de Maria Nunes da Rocha, residentes na cidade do Porto.

Concluindo que todos os homens conscientes sigam o mesmo exemplo, e para que a ignominiosa cédula pessoal e a de família sejam abolidas, nos assinamos, etc., etc.

Nada mais simples do que isto... e digam agora que não estão casados, que os noivos não de ralar-se muito com isso.

Com directos exemplos dêstes, é que o Estado vai perdendo a sua influência e os costumes se vão modificando...

Pró-família das vítimas

Transporte, 5.217\$65, César Andrade, pai, 5\$00; Maria José Andrade, mãe, 2\$50; Manuel Andrade, filho, 2\$00; Acostinho Andrade, idem, 2\$00; António Andrade, idem, 2\$00; Suzete Andrade, filha, 5\$0; Gracinda Andrade, idem, 2\$00; Um grupo de Gráficos, 18\$50; Cícero Augusto Arente, 5\$00; Joaquim F. Pereira, 1\$50; Augusto Gomes, 3\$50; Maria da Glória, 5\$0; Quete na Escola Afonso Domingues, 30\$30.

Quete na obra do pátio do Pimenta, 64\$00; Hermenegildo Ferreira, 2\$50; Idem numa assembleia dos Barbeiros do Porto, 21\$00; M. Nunes, 2\$50; J. Rodrigues, 2\$50; J. Sousa Pinto, 2\$50; A. Soares, 2\$50; J. Nunes, 1\$50; Quete na Sociedade Portuguesa de Automóveis, 36\$00; Idem na Rua da Cruz a Alcantara, por duas mulheres, 24\$00; Quadro tipográfico da «Imprensa Nova» 5\$00; Grupo Solidariedade Consciente, 2\$00; Quete aberta em Tavira, 45\$40; Idem no quadro de «O Mundo», 93\$00.

José Cipriano Alves, 5\$00; José Cipriano Alves Júnior, 1\$00; Jorge Joaquim Alves, 5\$00; Maria José Lima, 2\$50; Aurora Martins, 5\$00; Clotilde Faria Coelho, 2\$50; Mario Gonçalves, 2\$00; José Alves da Silva, 5\$00; Fernando Quintas, 2\$50; António Passadinho, 5\$0; M. E., 2\$50; Dugoberto José Mendes, 2\$50; António Bernardo, 1\$00; Alberto Teixeira, 2\$50; João Brás, 2\$50; Alberto Gouveia, 1\$00; M. ria, 5\$0; Damascio Pacheco, 1\$00; Elvira, 5\$0; Palmira, 5\$0; Alfredo Quintas, 1\$00; Joaquim Gomes, 1\$00; Guilherme Lopes, 1\$00; Manuel Quintas, 1\$00; António Pedro, 1\$00.

José António Gomes Maximo, 2\$50; Mariana do Carmo Maximo, 1\$00; Beatriz Celeste Maximo, 1\$00; Isaura do Carmo Maximo, 1\$00; Francisco Lourenço, 1\$00; João Lourenço, 1\$00; Estevam Maia, 2\$50; Candido Marques da Silva, 2\$50; Manuel Antonio, 7\$5; Inácio dos Santos, 5\$0; Mário Zeferino, 5\$0; Agostinho Carvalho, 5\$0; Isidoro Alexandre, 5\$0; José Alves, 5\$0; José Dias Paiva, 1\$00; José Borges, 1\$00.

José Gomes, 2\$50; Eduardo Coelho, 1\$50; Carlos I. Prado, 1\$00; Eduardo Pinto, 1\$00; Três padeiros, 3\$00; Jesuina Marques da Silva, 1\$50; Raul Rodrigues, 1\$00; Augusto Rodrigues, 1\$00; António de Matos, 1\$00; Manuel Carlos dos Santos, 1\$00; Francisco Alves, 5\$0; Fernando Rodrigues, 5\$0; Massano J. Ribeiro, 2\$50.

Quete na Metalúrgica de Bemfica, 34\$95; idem na oficina de construções navais do Arsenal da Marinha, 126\$05; quetes abertas pelo Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, 642\$50; quete na revisão de material de Lisboa P., 11\$50; José Vieira, 3\$00; Joaquim Ramalho, 5\$00. A transportar, 6.584\$60.

Reuniu o dia 5 em sessão extraordinária o S. U. Metalúrgico para apreciar a greve corticeira e resolver o auxílio a prestar. Depois de varia discussão em que falaram Eusebio Salas, José Felix, António Sena, António Soares e António Trindade, foi aprovada a cotização de um escudo para os grevistas.

Reuniu o dia 5 em sessão extraordinária o S. U. Metalúrgico para apreciar a greve corticeira e resolver o auxílio a prestar. Depois de varia discussão em que falaram Eusebio Salas, José Felix, António Sena, António Soares e António Trindade, foi aprovada a cotização de um escudo para os grevistas.

Reuniu o dia 5 em sessão extraordinária o S. U. Metalúrgico para apreciar a greve corticeira e resolver o auxílio a prestar. Depois de varia discussão em que falaram Eusebio Salas, José Felix, António Sena, António Soares e António Trindade, foi aprovada a cotização de um escudo para os grevistas.

Reuniu o dia 5 em sessão extraordinária o S. U. Metalúrgico para apreciar a greve corticeira e resolver o auxílio a prestar. Depois de varia discussão em que falaram Eusebio Salas, José Felix, António Sena, António Soares e António Trindade, foi aprovada a cotização de um escudo para os grevistas.

Vida Sindical

U. S. O.

Reuniu ontem o conselho de delegados com a presença dos seguintes organismos: Compositores Tipográficos, Alfaiates, Corticeiros, Metalúrgicos, Mobiliários, União Têxtil, Calçadistas, Condutores de Carruagens, Litógrafos, Confeitores, Tanceros, Pessoal do Depósito Central de Fardamentos, Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa e Inscriitos Marítimos.

Ocupando-se da situação dos presos e apreciando a circular da Associação Industrial, publicada em «A Batalha», emitiu o seu protesto contra a acinosa «repressão» exercida aos trabalhadores fazendo sentir a disposição iniludível em que o proletariado organizado se acha de evitar por todos os meios que essas perseguições continuem.

Apreciou também a situação do Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa, em face desta União, resolvendo fazer sentir disso a Seção de Federações da C. G. T. de forma que aqueles camaradas se possam considerar devidamente organizados e confederados.

Em seguida resolveu convocar a reunião das direcções, por alvire da comissão administrativa, para a próxima segunda-feira e nomeou delegado a sessão solene dos Tanceros José Gonçalves.

União Têxtil. — Reuniu a assembleia geral que, entre outros assuntos, apreciou uma circular da U. S. O. e a crise que lavra na indústria, sendo nomeada uma comissão para estudar as causas da mesma crise.

Pessoal de Rebocadores e Gazo-lina. — Reuniu hoje, pelas 20 horas, Manipuladores de pó, — Reuniu no domingo pelas 18 horas em assembleia geral para eleição dos corpos gerentes tratar da situação dos presos e reclamar as regalias alcançadas pelo último movimento e que os industriais se tem negado a cumprir.

S. U. Metalúrgico. — Os cobreadores da secção do Alto do Pina que tinham em seu poder verbetes da secção do Póço do Bispo, devem entregá-los hoje, às 20 horas, na secção do Alto do Pina. — Devido à prisão do cobrador da secção do Póço do Bispo foi interrompida a cobrança nesta área e que só começará a funcionar, novamente, no próximo domingo.

Jardineiros. — Reuniu hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Afinador para teares lisos

Precisa-se. — Carta à Rua do Ouro, 172 P.

Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21,15 (9 h 14) — HOJE

Ante-penúltimo espectáculo da Companhia Italiana

2.ª representação da esplendida opereta

Amor de Apache

que ontem obteve um extraordinário sucesso

Belo cenário Lindo guarda-roupa Música magnífica

Danças de apaches

O mais artístico e mais barato espectáculo de Lisboa

ULTIMOS espectáculos ULTIMOS

Ecos da greve corticeira

Retomando o trabalho

SÃO TIAGO DE CACÉM, 10. — C. — Após varias demarchas junto dos industriais, resolveu a classe corticeira retomar hoje o trabalho.

A classe reuniu no domingo, deliberando nomear uma comissão, a qual irá munida duma circular, para junto do patronato, saber da sua attitude em face do terminus do movimento grevista, isto é, se estavam ou não resolvidos a dar o aumento conquistado à Seção Industrial de Cortiças, pela Federação Corticeira. Como tivesse havido especulação da parte dalguns industriais e outros se não encontrassem na terra, foi deliberado continuar as demarchas no dia seguinte e efectuar nova reunião para em definitivo arrumar o caso.

Nesta última reunião ficou assente o que no primeiro periodo dizem, dispostos a assumir perante os traidores da última greve, e falou-se sobre o horário de trabalho.

Por último a correspondência de «A Batalha» alvira que seja exarado na acta um voto de louvor e franco apoio ao cotidiano operário pela sua nobre e desassombrada attitude ante os desmandos da sociedade burguesa, e ainda pela forma desenvolvida e carinhosa como tratou o conflito corticeiro.

A assembleia manifestou-se entusiasticamente, sendo depois encerrada a sessão.

Em Aldealega

Reinaram os operários corticeiros no dia 6 para apreciar a resposta dos industriais depois de muita discussão foi resolvido acatar as resoluções da Federação, isto é, retomar o trabalho pela oferta que os industriais fizeram, e de publicar o nome de alguns traidores ao movimento: o encarregado Gladstone Mendonça, António Alexandre Júnior, mais conhecido por António da Abela, e Manuel Rocha, rolheiro mecânico, terminando a reunião com grande entusiasmo com vivas às Federações Corticeira e Marítima, C. G. T. e «A Batalha».

Em Vila Real de Santo António

Reuniu no dia 5 em sessão extraordinária o S. U. Metalúrgico para apreciar a greve corticeira e resolver o auxílio a prestar. Depois de varia discussão em que falaram Eusebio Salas, José Felix, António Sena, António Soares e António Trindade, foi aprovada a cotização de um escudo para os grevistas.

Proezas dum senhorio

O tenente coronel reformado, José Augusto Ferreira Lopes, adquiriu em 1922 o prédio n.º 28 da rua da Oliveira ao Carmo. Logo de começo se recusou a receber as rendas aos inquilinos pelo que estes foram depositar na Caixa Geral dos Depósitos. Até hoje o aludido senhorio ainda não recebeu uma única renda!

Conseguir porém ultimamente um *truc* para expulsar os inquilinos, alegando que o prédio necessitava ir para obras. Porém, os inquilinos malgrado lhe os intentos, concertando-se entre si e deliberando não sair. Como as obras não atingissem o rez-do-chão cedaram provisoriamente abrigo aos inquilinos do primeiro andar.

O senhorio vai mandar proceder às obras no rez-do-chão para conseguir os seus negros fins: expulsar os inquilinos. Por esse motivo deu-se ali ontem um conflito entre o mestre de obras e três dos inquilinos. Interviu a policia sendo os três inquilinos presos. Como nada se provasse contra eles, foram postos em liberdade, tendo o mestre de obras declarado querer pagar uma cerveja ao policia.

SECÇÃO TELEGRAFICA

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIEDADE

Monsanto — Presos sociais — Recebemos vossa carta e já tínhamos ontem mesmo falado com o secretário do ministro da Justiça. Admiramos pedido de Laranjeira, depois dizem o secretariado não faz nada sobre presos, pois vai encontrar semelhantes pedidos que até nos deixa perplexos?...

Montemor — Rurais — O dr. Campos Lima, em virtude de alazeres jurídicos, não pode efectivar conferências e pede para marcar nova data.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação. — Despertar — Mais uma vez a administração do jornal convida os núcleos e agentes a responderem a circular que lhes foi enviada.

Comissão pró-2.º Congresso. — Reuniu ontem esta comissão que apreciou a resposta de diversos organismos, constatando que a realização do Congresso está tendo a maior simpatia da organização operária.

Esta comissão pede aos organismos que enviem officios para que respondam o mais breve possível.

Comitê. — Reuniu hoje, pelas 21 horas, com a presença do camarada Cláudio dos Santos.

Teatro Nacional

A 20 do corrente: Inauguração da

época

de verão

com o pitoresco, esplêndido e

popular drama

de DECOURCELLE

Os Dois Garotos

TEATROS & CINEMAS

Teatro Politeama

A peça «Guerra em tempo de paz» Comédia velha, de velhos moldes portanto, que eu não cheguei a ver, a quando da sua primeira representação, apesar de muito novo não ser também.

Pertence ao número dos objectos a quem devemos o respeito que as nossas velhas provocam, ouvimo-la reverentes e com aquela consideração que merecem as peças velustas que os nossos pais admiraram.

Tem qualidades, tem defeitos, mas nesse ponto pode equiparar-se a algumas comédias modernas que defeitos só têm, não se lhe podendo apontar uma única qualidade.

A comédia «Guerra em tempo de paz» como a maioria das obras de teatro de há cinquenta anos para trás, tem um enredamento ingénuo e a sua principal característica é a infantilidade, que em tudo se manifesta, no carácter dos personagens, na sequência e feitura das frases, na graciosa apresentação das cenas, emfim em tudo o que compõe os seus actos em geral numerosos mas pouco felizes pela sua incontestável trivialidade.

A companhia que sob a direcção artística de Augusto Pina, trabalha no Politeama e em que figuram alguns elementos de valor do teatro Nacional é mais homogênea no grupo masculino do que no feminino.

Por isso nos agradaram sem restrições Joaquim Costa, embora num papel um tanto apagado; Rafael Marques muito natural e, como de costume, fazendo-se ouvir; Joaquim de Oliveira, que manteve originalissimamente um papel curioso de boicoteiro tímido; Luis Leitão que fez um general um pouco apaixonado; Artur Duarte um cirurgião activo e docil e Duarte Costa um impedido do patismo muito bem marcado e bastante natural, Mas Reis um official distinto e de voz bem lembrada.

Das actrizes o papel de mais relevo foi confiado a Maria de Vasconcelos que está absolutamente fora do seu género, por muito que o seu esforço o pretenda disfarçar. A actríz de «O leque de lady Margarida» não pôde em caso algum ser a «Sovia» da «Guerra em tempo de paz».

Izilda de Vasconcelos, Maria Lagôa e Regina Montenegro correctamente.

Nogueira de BRITO

CARTAZ

POLITEAMA — A's 21,50 — «Guerra em tempo de paz».

APOL — A's 21 — «Comissário de policia».

EDEN THEATRO — A's 21,45 — «Fruito Proibido».

AVENIDA — A's 21,50 — «O Médico à força».

MARIA VITORIA — Não há espectáculo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21,15 — «Amor de apache».

GIL VICENTE — A's 21 — «Dois Sargentos».

OLIMPIA — A's 20,50 — «Anatólogo».

SALAO FOZ — A's 14,50 e 20,50 — «Variedades».

CHAUO TERRASSE — A's 14,50 e 20,50 — «Anatólogo».

CONDES (Avenida) — «Anatólogo».

CENTRAL (Avenida) — «Anatólogo».

CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — «Anatólogo».

IDEAL (Loreto) — «Anatólogo».

CINE ESPERANÇA — «Anatólogo».

Reclames

«O illustre escritor Augusto de Lacerda quem está dirigindo, no Nacional, os ensaios da peça «Os dois garotos», drama em 5 actos e 7 quadros, com que na próxima sexta feira, 20, vai ser inaugurada a época de verão naquele teatro. A obra, que é original de Pedro Decourcelle, foi representada pela primeira vez em Lisboa em 1898, indo agora a scena com a mesma tradução de Guiomar Torrezio.

— Todos quantos estão em Lisboa residindo aqui, ou de passagem, não deixam de ir ao Eden ver a revista «Fruito Proibido», ou então ficam sem ter admirado o mais gracioso e deslumbrante espectáculo que actualmente se pode apreciar nesta cidade.

— Hoje repete-se no Coliseu dos Recreios a segunda representação da bela opereta do maestro Leon Barel, «Amor de Apache».

— E' o antepenúltimo espectáculo da companhia.

— No Ap

NA CIDADE DE TOMAR

O IV Congresso da Construção Civil

Foram encerrados anteontem os seus trabalhos que decorreram serena e acertadamente
Foi aprovado um enérgico protesto contra as perseguições á BATALHA

8.ª sessão

Alterações ao estatuto federal

THOMAR, 11. — A's 20 e 30 abriu a 8.ª sessão, a qual presidiu José Casquilho, de Tires, secretariado por Marcelino da Silva, do Porto, e Manuel dos Santos Sardinha, de Ponte de Sôr.

Antes da ordem dos trabalhos, foi dada a palavra a Alexandre Assis para fazer algumas considerações sobre o que se passara na sessão da tarde, a propósito, das referências de Alfredo Lopes, o que foi tomado em consideração pelo Congresso.

Foram lidas e aprovadas as actas das 4.ª e 5.ª sessões, propondo João Caldeira que quaisquer emendas a fazer sejam feitas na acta desta sessão.

Alfredo Lopes lê as alterações a introduzir nos estatutos, pela comissão organizadora.

Sobre as alterações propostas faz-se uma larga discussão, usando da palavra quasi todos os congressistas, procurando fazer-se obra ponderada, o que de resto tem sido a preocupação do Congresso.

Os artigos e números que sofreram alterações ficaram assim redigidos:

«Capítulo I — Artigo 1.º:

«Formada entre as Associações de Classes e Sindicatos Unicos da indústria da construção civil, uma Federação que se denomina Federação Nacional dos Operários da Indústria da Construção Civil de Portugal e Colónias.»

No n.º 6 do artigo 1.º:

«Eliminar os interesses dos intermediários entre operários e patrões, para o qual se esforçará por organizar conselhos técnicos em todos os sindicatos e associações aderentes, cujos componentes eleitos nas assembleias gerais dos seus organismos, deverão possuir competência para administrar e dirigir os trabalhos de que possam tomar conta.»

No 7.º do mesmo artigo:

«Auxiliar moralmente a acção e desenvolver pela Bêta de Trabalho e Solidariedade, especialmente no que respeita à criação das respectivas seções junto dos sindicatos ou associações aderentes à Federação.»

O número 8.º do mesmo artigo foi eliminado.

Capítulo II — § 3.º do artigo 5.º:

«Em qualquer localidade onde exista um sindicato de officio, a Federação esforçará-se á pela criação do Sindicato Unico da indústria, desde que uma maioria absoluta do operariado organizado e, especialmente os militantes das varias especialidades profissionais estejam inteiramente de accordo com a sua constituição.»

Capítulo III — Artigo 12.º:

«Fixada a data, cada Sindicato ou Associação aderente comunicará á comissão organizadora as questões que deseja submeter á apreciação do congresso a fim de ser elaborada a ordem de trabalhos e esta submetida ao estudo de todos os organismos com 20 dias de antecedência.»

Artigo 14.º:

«Em cada congresso será designado o local do immediato e nomeada a comissão administrativa da Federação.»

Capítulo IV — Artigo 15.º:

«O congresso federal é constituído por dois delegados indicados pelos sindicatos ou associações aderentes, os quais deverão manter uma activa correspondência com as respectivas comissões administrativas, e o seu mandato será revogável a todo o tempo.»

Artigo 16.º:

«Em cada localidade onde haja um Sindicato Unico da indústria, haverá uma comissão mista que se denominará «Comissão de melhoramentos» ou «Comitê de Secções», incumbindo a qual, quer destas células do respectivo sindicato tratar de todas as questões da indústria referentes á localidade e contrariar a sua acção em assuntos de ordem geral.»

Artigo 17.º:

«Não será reconhecida nem aceite pela Federação, a adesão de qualquer associação de classe em cuja localidade da sua sede exista um Sindicato Unico da indústria por se considerar um desdobramento.»

Capítulo V — Artigo 23.º:

«A gerência da Federação é confiada a uma comissão administrativa delegada do Congresso e por elle eleita, que servirá durante dois annos e será composta de cinco membros, a saber: Secretário geral, secretário adjunto, secretário administrativo, tesoureiro, e um vogal.»

§ 1.º do n.º 4 do artigo 24.º:

«Para completo desempenho das suas attribuições e das attribuições dos fins constantes do artigo 3.º, a comissão administrativa manterá, sempre que lhe seja possível, um mensário órgão da Federação intitulado O Construtor.»

§ 4.º do mesmo n.º 4.º:

«O corpo redactorial de O Construtor será eleito no Congresso.»

Artigo 25.º:

«Todos os serviços prestados pela comissão ou sub-comissões serão gratuitos as noites, porém os dias perdidos para esse fim serão pelos salários que cada commissionado auferir no exercicio da sua profissão, nunca excedendo oito horas de trabalho. Todas as passagens de dia ou de noite serão pagas pela Federação.»

Artigo 28.º:

«Compete especialmente ao secretario geral convocar as reuniões ordinárias e extraordinárias do conselho, fazer a correspondência, relatar os trabalhos que forem presentes ao conselho, estudar a industria sob todos os seus aspectos, elaborar anualmente estatísticas referentes ao numero de sindicatos federados ou não, existentes no país, população operaria da industria, emigração, etc., devendo também representar a Federação quando e onde necessario; ao secretario administrativo ter em ordem toda a escrita da Federação e enviar aos sindicatos todos o expediente de que careçam; ao secretario adjunto redigir as actas das reuniões da comissão administrativa e substituir o secretario geral nas suas funções sempre que seja necessario; ao tesoureiro ter a sua guarda os fundos e documentos de despesa da Federação, pagar e assinar todos os documentos de despesa desde que tenham o visto do secretario geral e prestar contas aos restantes membros sempre que qualquer d'elles o exija.»

Capítulo VI — Artigo 31.º:

«É alterado na parte referente á cota federal de um centavo e meio para sete centavos.»

Artigo 32.º, tem a seguinte alteração:

Em vez de ler-se: «de o relatório sobre a teve de organização administrativa, deve ler-se: «estes estatutos.»

Capítulo VII — Artigo 37.º, são-lhe acrescentadas os seguintes parágrafos:

«Ou ainda quando faça parte da direcção de qualquer facção partidária.»

«As percentagens extraídas da cota federal de sete centavos ficam assim distribuídas:

Para propaganda no Centro a cargo da Federação, 20 p. c.; propaganda para a Secção do Norte, 20 p. c.; propaganda para a Secção do Sul, 10 p. c.; auxilio á militantes presos ou perseguidos, 5 p. c.; auxilio em greves corporativas ou de solidariedade, para funcionamento de cozinhas comunistas, 5 p. c.; para manifestos e auxilio a O Construtor, 10 p. c.; para «demarches», 10 p. c.; para expediente e diversos, 20 p. c.

Para esclarecer: O artigo 17.º dos estatutos fica com a redacção anterior mas com o numero 18.º, em virtude de se haver introduzido um artigo novo (o 17.º das alterações) ficando daqui em diante toda a numeração dos artigos alterada para o numero immediato.

A discussão das alterações ao estatuto federal, que foram aprovadas, terminou á 1 hora da madrugada, encerrando-se e seguir a sessão, pelo natural esgotamento de todos os congressistas, e resolvido effectuar-se outra ás 8 horas da manhã.

9.ª sessão

Contra a ditadura e contra as perseguições aos trabalhadores

TOMAR, 11. — Sob a presidência de Augusto César da Silva, da Secção Federal do Sul, secretariado por Marcelino da Silva, do Porto, e Manuel dos Santos Sardinha, de Ponte de Sôr, abriu a 9.ª sessão ás 8 horas com a presença de todos os delegados.

Foi presente uma moção por Luis Gonzaga de protesto contra a pretensão ditadora e contra as perseguições de que têm sido victimas os trabalhadores não só em Portugal como em varios países, especializando a Espanha, a Italia e a Rússia.

Esta moção tem as seguintes conclusões:

1.º Que todos os organismos da industria organizem os seus comités de acção para que na hora de agir não nos apanhemos de surpresa;

2.º Que se procure levantar o espirito revolucionario de todos os trabalhadores, sendo para isso necessario que em todas as sessões os oradores se cingam aos factos apontados na moção;

3.º Que se persista em reclamar dos poderes constituídos a immediata abolição de todas as leis de excepção;

4.º Que se apoiem todas as campanhas levadas a effecto pela organização central a favor do proletariado internacional, atendendo ao circo de ferro em que o mesmo se encontra, não podendo agir sem o nosso auxilio, especializando a Espanha;

Marcelino da Silva discorda da parte da moção que se refere á ditadura na Rússia, afirmando ser essa situação proveniente da impossibilidade dos povos do occidente em auxiliar a revolução.

O autor da moção esclarece que a referenda citada não representa ataque á revolução russa mas para que esta siga o seu curso logico.

José da Silva, de Messines e Manuel Teodoro, de Olhão, estão de accordo com a moção e as palavras do seu autor.

António Carvalho, de Extremoz, entende não ser conveniente falar da Rússia, a sua ditadura da qual o orador discorda.

Em seguida foi a moção aprovada.

Sobre horario de trabalho

João Miranda lê uma moção sobre o horario de trabalho que tem as seguintes conclusões:

1.º A intensificação por todo o país, levada á pratica pela Federação, Secções Federais e Sindicatos, duma intensa campanha tendente a manter integralmente na nossa industria o dia normal de 8 horas de trabalho;

2.º Serem considerados como inimigos da organização operaria e de sob proprios todos os individuos que sob qualquer alegação desrespeitem o horario de trabalho;

3.º Que todos os sindicatos estudem a forma do procedimento a adoptar contra os individuos previstos na conclusão anterior.

Alexandre Assis, referindo-se á moção, afirma que o desrespeito ao horario se deve em parte ao abandono da defesa da lei, não lhe introduzindo as melhorias necessarias, porque, como se encontra, se torna difficil fazer cumprir o horario quando da parte dos operarios falta vontade para a resistir.

Ribeiro Dias, também está de accordo com a moção e fazendo varias citações termina por dizer que há muito a fazer na defesa do horario e accidentes no trabalho.

A moção foi aprovada a requerimento de Alberto Dias.

As materias toxicas na industria

Ribeiro Dias apresenta e largamente justifica a seguinte proposta, que foi aprovada:

1.º — Por intermédio da Federação Nacional da Indústria, apoiada pela Confederação Geral do Trabalho, reclamar dos poderes constituídos a precificação completa e absoluta do emprego do alvalde de chumbo nos trabalhos de construção;

2.º — Os sindicatos da indústria existentes nas diversas localidades do país farão a máxima pressão junto das Câmaras Municipais no sentido de ser proibido o emprego desse tóxico nas obras camarárias e particulares;

3.º — Os Sindicatos da Indústria de todo o país desenvolverão a máxima propaganda para que os obreiros pintores se recussem a trabalhar com o alvalde de chumbo;

4.º — A organização sindical da indústria, quer central quer local, promoverá por comícios, conferências, opúsculos e manifestos demonstrativos do perigo ao eleito do alvalde de chumbo nos operários que o manuseiam e até nos indivíduos que habitam em casas pintadas com esse veneno, de forma a criar opinião pública que force os governantes a proibir o seu uso.

Saudação aos perseguidos e presos

Justino Teixeira, de Paredes, lê uma moção que foi aprovada por aclamação e tem as seguintes conclusões:

1.º — Saudar as famílias dos fusilados nos Olivaes;

2.º — Saudar os presos por questões sociais;

3.º — Saudar as vítimas da burguesia de todo o mundo.

Igualmente e por aclamação foi aprovada idéntica moção de Manuel Teodoro.

Alexandre Graça, de Aveiro, apresenta uma larga moção de interesse local, que foi resolvido baixar ao conselho federal.

Cândido da Silva, de Fafe, apresenta uma proposta sobre algumas divergências havidas entre os sindicatos de Guimarães e Fafe, falando João da Silva, de Guimarães, e outros delegados, sendo resolvido, por proposta de António Inácio Martins, que se dê a liberdade aos operários de estar organizados num dos sindicatos; que a Secção Federal do Norte estabeleça um plano de acção entre os dois sindicatos, e que essa Secção procure harmonizar esta questão ainda este mês.

Albino da Silva Fafães, do Porto, lê uma proposta reclamando dos mestres de carpintaria o fornecimento de bancos a todos os operários carpinteiros em virtude da dificuldade em serem por estes adquiridos.

Falam alguns congressistas, sendo aprovada com um aditamento de Alfredo Lopes para que em futuros movimentos se incluam as reclamações da classe o fornecimento das ferramentas pelos patrões.

António Inácio Martins apresenta uma moção-tese para que em futuros congressos só sejam aceites delegados directos; que nas localidades onde não haja numero sufficiente de operários para constituirem sindicatos, secções sindicais, ou não se possam organizar núcleos sindicais, se criem núcleos federais, recebendo os comités federais o produto da cotização, diligenciando gastar na respectiva localidade toda a receita que pertença ao sindicato até que este se organize.

Esta moção foi aprovada depois de o autor declarar que outros numeros da mesma já estavam prejudicados em parte.

Um protesto contra a perseguição ao jornal «A Batalha»

Com grande entusiasmo do Congresso foi votada a seguinte moção de Alfredo Lopes:

«Considerando que se tem verificado ultimamente por parte do governo uma iniqua e atroz perseguição ao jornal A Batalha;

Considerando que tal perseguição é

atentatória da liberdade de imprensa e da livre expressão de pensamento;

Considerando que não pode nem deve o proletariado continuar sujeito aos

demandos de qualquer governo, ao roubo descarado da moeda, do comércio, da finança, etc., sem que o seu

orgão na imprensa possa circular livremente combatendo á outrance todas as iniquidades de que o proletariado da região portuguesa está sendo vítima;

O Congresso Nacional da Construção Civil, reunido em Tomar, em Junho de 1921, resolve:

1.º Protestar energicamente contra a sistemática attitude governamental em não permitir, o que é contra a lei, a livre circulação de A Batalha;

2.º Aconselhar todo o operariado da indústria a estar preparado para secundar qualquer movimento da C. G. T. no sentido de fazer cessar tam aciosos como iniqua perseguição.

Foi ainda proposto um aditamento de Manuel Teodoro para que os delegados ao Congresso promovam sessões de protesto contra as perseguições nas respectivas localidades.

Aprovou-se uma moção de José Casquilho, de Tires, contra a cédula pessoal.

Foram apresentadas varias propostas por Agostinho Fernandes de Carvalho, de Chaves, sobre a crise de trabalho e outros assuntos de carácter local e apelando para que nenhum operário da industria trabalhe na construção de cárceres ou prisões de qualquer espécie.

António Carvalho, de Extremoz, alvitra para que todos os militantes operários sejam assinantes de A Batalha.

A escola industrial de Tomar

Carlos Alberto Fragozo Rodrigues, de Moura, apresenta a seguinte moção de protesto:

«Atendendo a que em Tomar existe uma escola industrial e a mesma se encontra em perigo de ser destruída por uma escola de perseguições de um novo-rico querendo roubar-lhe a sua estetica e algumas das suas dependências que vai talvez fazer-lhe desaparecer, julga acentuado o que o congresso proteste contra tais perseguições e que este assunto seja entregue á C. G. T. pois que elle interessa a muitas classes.»

Por unanimidade, foi resolvido que o proximo congresso se realize na Figueira da Foz, ficando regeitada a proposta de António Carvalho, de Extremoz, que propunha que fosse em Évora.

Procedeu-se á nomeação da comissão administrativa da Federação, que fica constituída por:

João Miranda, secretario geral; Luis Gonzaga, tesoureiro. Os restantes membros serão nomeados pelo conselho federal.

Comissão administrativa da Bôlsa de Trabalho e Solidariedade:

Secretario geral, Alexandre Assis; secretario administrativo, Armando Duarte; tesoureiro, José Casquilho. Os restantes membros devem ser nomeados pelo conselho federal desse organismo.

Corpo redactorial de O Construtor:

Redactor principal, Alfredo Lopes; redactor pelo Norte, António Inácio Martins; pelo Sul, Manuel Teodoro.

Comitê federal de propaganda no Norte: Secretario geral, Felix Gomes.

Comitê federal de propaganda no Sul: Secretario geral, Augusto César da Silva.

Ainda João da Silva, de Guimarães, apresenta um protesto contra o facto da câmara daquela cidade não proceder á construção do beirio operário, mas mandon remodelar a cadeia;

Encerramento do congresso

Faz uso da palavra João Caldeira, que diz sentir-se satisfeito com o congresso e sauda a pessoa dos delegados presentes toda a organização da industria.

Alfredo Lopes referiu-se ás afirmações feitas quando se discutia a tese sobre Sindicatos Unicos, para que sejam interpretadas convenientemente.

Ribeiro Dias, do Porto, sente-se tam-

Lisboa na rua

Rendimentos dos operários

No Banco do hospital de São José receberam ontem curativo Joaquim Maria dos Santos, de 26 annos, serralleiro da Fábrica Cerâmica em Telheiras e residente em Palma de Baixo que na referida fábrica quando metia uma correa no volante de uma máquina foi colhido por este, ficando com o braço esquerdo fracturado;

—João da Silva, de 44 annos, trabalhador, residente na rua Marquês de Pombal, no Barreiro, que na fábrica da Companhia União Fabril foi colhido por uma vagoneta ficando ferido na mão direita.

—Agostinho de Carvalho, de 15 annos, servente serralleiro, residente na travessa do Campo 3, no Barreiro, que ali, na oficina de serralleira da Companhia União Fabril foi colhido por uma serfa ficando ferido na mão direita.

—Também recolheu á Sala de Observações do mesmo hospital Maximiano Monteiro, de 24 annos, chauffeur, residente na estrada da Circunvalação, que na rua da Penha de França ficou entalado entre um automóvel e a parede ficando muito contuso no ventre.

Aggressões

No Banco do hospital de São José recebeu curativo a recolheu a casa Henrique de Carvalho, de 40 annos, bagageiro, residente na rua da Amendoeira, 52, que, na mesma rua foi agredido com uma facada, ficando ligeiramente ferido no ventre.

—Na Sala de Observações do Banco do hospital de São José deu entrada Vitorino Verissimo, de 32 annos, trabalhador, residente em Vale de Canadas, freguesia da Vermelha, concelho do Cadaval, que á porta da adga do seu patrão em Rio Maior se desvalou com outro trabalhador com quem depois se envolveu em desordem resultando ser por este agredido com uma facada no ventre.

SOLIDARIEDADE

A comissão pró-presos comunistas constatou a entrada de quetes num total de 1.088\$90, dos quais foram distribuidos 615\$00, havendo portanto um saldo de 473\$90. Resolveu convidar os camaradas que levaram listas a fazerem o mais breve possível a entrega das importâncias colhidas.

—Comunicam-nos os presos sociais da cadeia do Limoeiro terem recebido a quantia de 28\$00, que lhe foi entregue por Luis S. Oliveira e é produto duma quete realizada por um grupo de jovens sindicalistas no salão de festas da Construção Civil.

bem satisfeito com as resoluções do congresso, saudando os congressistas e erguendo um viva á unidade sindical.

Falam ainda Manuel Teodoro, pelo Sul, e Manuel da Silva Campos, secretario geral da C. G. T., sendo todos os oradores muito ovacionados.

Ainda foram lidas as actas da 7.ª sessão e a da sessão de encerramento, que se aprovaram.

O presidente faz votos porque os trabalhos sejam postos em execução, sauda todos os congressistas, sendo encerrado o congresso, no meio de grande entusiasmo, erguendo-se calorosos vivas á C. G. T., á A Batalha, Federação da Construção Civil, emancipação dos trabalhadores, etc., sendo cantados o hino de «A Batalha» e a «Internacional».

Erão 13 horas.

Entre os congressistas foi aberta uma quete para os presos por questões sociais que rendeu 106\$10.

Já depois de terminado o Congresso, foram recebidos telegramas de saudação da C. G. T., da Confederação Inter-Sindical Marítima, e Federação Marítima, Cooperativa dos Cantieiros de Lisboa, e Sindicatos da Construção Civil de Tires, Mirandela, Viana-do-Castelo e Guimarães.

Dentes artificiais

a 25\$00 — Obturações a 25\$00 — Extracções sem dor a 15\$00

Das 11 ás 13 no consultório de

MARIO MACHADO

da Escola Dentaria de Paris

Chiado, 74, 1.º Tel. C. 418

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JUNHO									
D.	1	8	15	22	29	HOJE O SOL			
S.	2	9	16	23	30	Aparece	às	5,11	
T.	3	10	17	24		Desaparece	às	20,02	
Q.	4	11	18	25		FASES DA LUA			
Q.	5	12	19	26		L. C. da	2.ª	às	14,56
S.	6	13	20	27		L. C. da	3.ª	às	15,57
S.	7	14	21	28		L. C. da	4.ª	às	16,58
						L. C. da	5.ª	às	17,59
						L. C. da	6.ª	às	18,00
						L. C. da	7.ª	às	19,01
						L. C. da	8.ª	às	19,02
						L. C. da	9.ª	às	20,03

MARÉS DE HOJE
Praiamar ás 11,30 e ás 0,00
Baixamar ás 4,29 e ás 5,00

CAMBIOS

Países	Moedas	Do par	Comp.	Venda
Alemanha	Marcos	425		
Austria...	Corões	81,8		1.626
Belgica...	Francos	81,8	1.626	1.626
Espanha...	Pesetas	81,8	1.626	1.626
E. U. A...	Dollares	81,8	1.626	1.626
Francia...	Francos	81,8	1.626	1.626
Holanda...	Florins	81,8	1.626	1.626
Inglaterra	Liras	81,8	1.626	1.626
Italia...	Liras	81,8	1.626	1.626
Suica...	Francos	81,8	1.626	1.626

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos

EM JUNHO

«Usambara», Southampton, Rotterdam e Hamburgo. 15

«Angola», para os portos da Africa Oriental. 15

«Pedro Gomes», portos de Africa. 15

«Garia», portos do Brazil e Argentina. 28

«Ussamano», para Liverpool. 28

«Wagon», Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdam. 28

MÓVEIS
GRANDE SORTIDO
2.050\$00
Casa de jantar com 15 peças, espelhos biscauté e vitraux.
3.200\$00
Quarto de casal com 8 peças e espelhos biscauté.
700\$00
Sala de visitas, com 10 peças, forrada de veludo.
1.800\$00
Casa de jantar com 15 peças, estilo inglês.
4.500\$00
Quarto de casal, polido, com espelhos ovais.
Muitas mais mobílias para todos os preços no
SALÃO DE ARTE
Antônio Wanzeler
30, Rua do Norte, 30,